



Odiar é tão fácil!

> João Prudêncio

A mais recente sondagem mensal da empresa de pesquisas brasileira Datafolha, referente a maio, é categórica sobre quem apoia Bolsonaro em função do grau académico de que dispõe: quanto maior esse grau, maior é a reprovação do presidente. Entre os brasileiros com grau de escolaridade básica, só 36% consideram o governo Bolsonaro ruim ou péssimo, reprovação que sobe para 43% entre quem tem escolaridade média e se torna maioritária (56%) entre quem estudou até ao ensino superior. Na comparação com abril, enquanto na faixa de escolaridade baixa há variações mínimas de 1%, na escolaridade média a alta foi de sete pontos (de 36% para 43%). Já entre quem tem um nível escolaridade superior, o crescimento de chumbos ao presidente foi de nove pontos (de 47% para 56%) em apenas um mês. Isto é, usando uma expressão bem brasileira, face às políticas e episódios que têm valido a Bolsonaro o epíteto universal de pior presidente do mundo, “a ficha cai” tanto mais repentinamente quanto maior é o nível de instrução e grau académico em causa. Parece haver mais ferramentas intelectuais e mecanismos avaliativos suscetíveis de mudar uma apreciação quando se andou mais tempo na escola e, mais ainda, quando se chegou à Universidade. Vem esta reflexão a propósito da inusitada saída para a rua da extrema-direita portuguesa, no fim-de-semana que passou. Quem eram aqueles homens e mulheres (a esmagadora maioria homens), todos brancos, de classe média, que desceram a avenida gritando palavras de ordem vazias como “Por-tu-gal”, falaciosas como “Portugal não é racista”, ou de cariz meramente autoritário como “Respeita a polícia”? Generalizando, do ponto de vista da conceção do mundo, dos níveis percetivos do que é uma sociedade, da consciência da formação histórica e social do mundo em que vivemos, que gente é esta que sai à rua a defender a autoridade policial e escreve no Facebook contra “pretos”, “ciganos” e os “esquerdolas” que os defendem?

Tenho para mim que o nível académico e de instrução de um indivíduo não são, per si, um fator qualitativo de avaliação desses níveis de consciência social de um indivíduo. Vivemos numa sociedade em que a especialização do ensino dita regras e o Homem do Renascimento, de saberes ecléticos e dominador de variadas disciplinas, está cada vez mais longe. Não me parece portanto que, só por si, os “grunhos” e racistas que descem a rua numa tarde quente de sábado para gritar slogans inteligentes como “Por-tu-gal” e ter o privilégio de desfilar ao lado do portento intelectual Maria Vieira tenham falta de instrução académica no sentido estrito, não tenham – nenhuns deles – posto os pés numa universidade, ou não tenham livros em casa. Parece-me sim que, à esmagadora maioria deles (e haverá sempre exceções), não foi conferido um nível de educação – e verdade que eles também não o procuraram – que os faça ter consciência de um enquadramento social e político suscetível de aceitar o Outro, a Diferença e as ideias solidárias. Repare-se que não generalizo. Não digo que a esquerda é mais instruída que a direita. Há uma direita culta, como há uma esquerda culta; e há uma direita troglodita e uma esquerda menos culta, até inculta. Boa parte dos recrutamentos de militantes do PCP (de outros partidos também, mas muito mais no PCP) fez-se mais na tradição familiar ideologicamente hereditária do que com base nos livros pró-soviéticos e das autorias de Marx, Engels e Lenine que ganham poeira nas estantes lá de casa.

O que quero dizer é que – com notáveis exceções, de António Ferro a Jaime Nogueira Pinto passando por Miguel Castelo Branco, para só falar de portugueses – a extrema-direita raramente convive com a cultura. Isto quando a cultura é asserida no sentido de conjunto de instrumentos que nos permitem descodificar a complexidade do real e, especialmente, das sociedades complexas em que vivemos nas suas várias vertentes e emaranhados. Não é por acaso que, voltando ao caso brasileiro, num país intelectualmente tão rico como aquele, o guru intelectual de Bolsonaro, Olavo de Carvalho, é um “filósofo” sem curso, residente nos EUA, que nunca pôs os pés numa universidade, se autointitula “astrólogo” e acredita na “teoria” negacionista da Terra Plana.

Por outras palavras, ser de extrema-direita é mais fácil. Aliás, na sociedade em que vivemos, ser de direita, ou liberal, ou conservador, já é mais fácil do que ser de esquerda, seja qual for a esquerda em causa. Basta “aceitar” as regras do capitalismo e do Modus Vivendi em que se instalou a quase totalidade do mundo atual, sejam países ricos ou pobres.

Corporizar o ódio num comportamento íntimo, numa cor de pele, numa etnia, é muito mais fácil ainda. Sim, Hitler prescinde de grandes explicações, no máximo está tudo no “Mein Kampf”, mas principalmente odiar é fácil. Materializar num alvo “próximo” as culpas de algumas frustrações individuais prescinde de grandes complexidades intelectuais.

É injusto, porém fácil, acusar um imigrante, um cigano, um homossexual, um pobre do RSI. Ao contrário, acusar “o capitalismo”, “o imperialismo”, “o sistema neoliberal”, “o colonialismo” implica conhecimento. Histórico, social, económico. E não é aquela história acéfala de odiar o comunismo “porque matou milhões”, ou “nunca deu certo”. Não, ao contrário: o golpe de ancas dos universitários que largaram Bolsonaro no último mês baseou-se em conhecimento, em maior ou menor escala. Essas ferramentas já estavam lá.

Eurocidade volta a reivindicar ligação ferroviária Faro-Huelva

O diretor da Eurocidade Guadiana, Luis Romão, destacou em reunião com a Secretária de Estado Isabel Ferreira, a necessidade de retomar o projeto de construção da linha férrea entre Huelva e Faro.

A Comissão de Coordenação do Desenvolvimento do Algarve (CCDR), representada pela Chefe de Cooperação, Susana Faisca, apoiou este pedido e valorizou a importância que teria para toda a Euroregião.

O pedido foi feito numa reunião em que representantes das sete eurocidades ibéricas foram recebidos em Bragança, para serem informados da Estratégia Comum de Desenvolvimento Transfronteiriço entre Portugal e Espanha. Segundo a Secretaria de Estado, Portugal quer converter a Raia num espaço onde não há aviso de que existe uma fronteira e para isso está em desenvolvimento uma Estratégia Comum que será transferida para a próxima Cimeira Ibérica, prevista para outubro próximo.

“O projeto de união do sul da Península Ibérica que liga Huelva a Faro deve ser colocado na agen-



da política o mais rápido possível. Enquanto nas regiões do norte são discutidas novas estações e a velocidade dos comboios no sul, ainda nem temos uma linha básica, absolutamente decisiva para o desenvolvimento da nossa Euroregião Alentejo-Algarve-Andaluzia”, comentou Luis Romão, presente por videoconferência na reunião.

Por seu turno, a Secretaria de Estado informou

que, embora o sindicato ferroviário Faro-Huelva tenha estado presente durante as reuniões estratégicas bilaterais, não foram estabelecidos prazos para a reativação dessa proposta.

Este pedido das autoridades que lideram a cooperação na península, Euroregião e Eurocity, deve agora servir para que as autoridades dos dois países reconheçam que o planeamento deve começar a eliminar o dé-

ficit de infraestrutura de comunicação existente na parte sul do eixo atlântico.

A implementação da estratégia foi aprovada pelo conselho de ministros de Bragança em fevereiro passado e inclui aspetos como mobilidade rodoviária e ferroviária, criando ambientes favoráveis de investimento, parques tecnológicos, apoio a trabalhadores transnacionais, cultura ou saúde.

Ayamonte toma medidas excepcionais por causa do surto de Lepe

O Ayuntamiento de Ayamonte, depois de manifestar preocupação com os casos decorrentes da festa de Lagos, vê-se agora preocupada com o recente surto de covid-19, em Lepe, que já conta com dez casos positivos, tendo decidido, bem como os outros municípios da costa oeste de Huelva, suspender neste último fim de semana, todas as atividades que envolvam multidões, a fim de evitar a sua propagação.

Além da suspensão das atividades, também foi decidido aumentar a vigilância diária.

Enquanto isso, o Ayuntamiento de Lepe sublinha que as suas praias estão abertas “com todas as medidas de segurança e prevenção” e são “destinos seguros”.

A Câmara Municipal enfatiza que “os resultados (dos testes) são otimistas”, ao mesmo tempo que apela à “tranquilidade, calma e responsabilidade dos cidadãos”.

A edilidade diz priorizar o distanciamento social, as praias divididas por faixas etárias - com passeadeiras de



entrada e saída -, controles de lotação e “um plano exaustivo para limpar e desinfetar os espaços públicos em todo o município”.

Acrescenta ainda que tem “um litoral amplo” com mais de 23 quilómetros de areia “controlado por mais de 80 seguranças que fiscalizam as medidas de prevenção do Covid-19 e 60 salva-vidas nos serviços de resgate”.
O surto de coronavírus registado em Lepe, pode ter tido

origem num caso importado, ou seja, numa pessoa que regressou à cidade vinda do estrangeiro. Este surto está sob investigação, tendo sido realizados entretanto 32 testes a pessoas que tiveram contactos diretos com os infetados e a outras que tiveram contactos sociais - noticiou o Huelva Hoy.

Desde o início da pandemia, um total de 18 casos de Covid-19 foram registados no município de Lepe, incluindo estes últimos nove.